

Armando Martins de Barros – doutor em educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Carlos Henrique de Carvalho – doutor em história pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Décio Gatti Júnior – doutor em educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor de história da educação da UFU. Membro e sócio fundador da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE).

Dermeval Saviani – professor emérito da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisador do CNPq. Coordenador geral do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR).

Ester Buffa – doutora em ciências da educação pela Universidade de Paris, Sorbonne. Professora titular de história da educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

Eurize Caldas Pessanha – doutora em educação pela USP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Geraldo Inácio Filho – professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFU. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação (NEPHE).

Irlen Antônio Gonçalves – professor de história da educação da Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC). Doutor em educação pela Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A CÓPIA ILEGAL MATA O LIVRO.

NÃO SEJA CÚMPLICE
DESSE CRIME.

ESCOLA SEM LIVRO
NÃO É ESCOLA.

DENUNCIE



www.abdr.org.br
abdr@abdr.org.br

**AUTORES
ASSOCIADOS** 

www.autoresassociados.com.br
editora@autoresassociados.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações / Décio Gatti Júnior, Geraldo Inácio Filho (orgs.). – Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005. (Coleção memória da educação)

Vários autores.
Bibliografia.

ISBN 85-7496-124-8

1. Educação – Estudo e ensino 2. Educação – História 3. Educação – Minas Gerais – História 4. Pesquisa educacional – Metodologia I. Gatti Júnior, Décio. II. Inácio Filho, Geraldo. III. Série.

05-1140

CDD – 370.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação: História 370.9

Impresso no Brasil – maio de 2005
Copyright © 2005 by Editora Autores Associados

Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto n. 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

Nenhuma parte da publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização por escrito da Editora. O Código Penal brasileiro determina, no artigo 184:

“Dos crimes contra a propriedade intelectual

Violação de direito autoral

Art. 184. Violar direito autoral

Pena – detenção de três meses a um ano, ou multa.

1º Se a violação consistir na reprodução, por qualquer meio, de obra intelectual, no todo ou em parte, para fins de comércio, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, ou consistir na reprodução de fonograma e videograma, sem autorização do produtor ou de quem o represente:

Pena – reclusão de um a quatro anos e multa.”

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO..... 1
Dermeval Saviani

PRIMEIRA SEÇÃO ENSINO E PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

1. REFLEXÕES SOBRE O ENSINO E A PESQUISA
EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO 7
Dermeval Saviani

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DA HISTÓRIA
DA EDUCAÇÃO NO BRASIL 33
Marta Maria Chagas de Carvalho

3. REFLEXÕES SOBRE O ENSINO E A PESQUISA
DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA 47
Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero

LOMBARDI, J. C. & SANFELICE, J. L. (orgs.). *História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual*. Campinas, Autores Associados, HISTEDBR, pp. 88-99.

WILLIAMS, Raymond (1979). *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar.

_____. (1992). *Cultura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

CAPÍTULO • DOIS

A HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS EM PERSPECTIVA

*Justino Magalhães**

1. Uma análise da produção científica do II Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais, realizado entre os dias 6 e 9 de maio de 2003, e valendo-se da programação e dos resumos, e uma revisão às actas do congresso anterior permitem formular algumas observações, com vista a um aprofundamento da reflexão e da investigação.

Verifica-se a existência de uma diversidade temática e metodológica, se bem que, em alguns casos, esteja apenas esboçada uma perspectiva de aproximação à educação na sua multidimensionalidade e na sua multifactorialidade. De facto, se alguns objectos do conhecimento científico correspondem a um alargamento da análise e a uma abertura à interdisciplinaridade, traduzindo a reconceptualização e o reforço de campos do conhecimento já historiados, outros, ao contrário, substantivam uma perspectiva de inovação através de novos constructos teó-

* Professor da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Contato: justinomagalhaes@fpce.ul.pt.

ricos e de novas fontes de informação. Uns e outros, no entanto, recaem basicamente no quadro da investigação e visam essencialmente a produção científica.

Diferentemente, um segundo conjunto de comunicações e de estudos intenta corresponder aos desafios lançados pelo ensino da história da educação, que, enquanto ciência da educação e enquanto paradigma e modo de pensar e agir em educação, se tem vindo a alargar e afirmar de uma forma inusitada. É uma abertura que se traduz em novos modos de dizer e de ensinar, mas também na integração de novas temáticas, com vista ao reforço da história da educação no interior das ciências da educação como disciplina obrigatória nos programas de formação dos diversos tipos de profissionais, na área da educação, em sentido amplo. Fortalecendo uma e outra destas perspectivas, pode no entanto observar-se que uma das orientações fundamentais deste Congresso, agregando profissionais do ensino, investigadores e um amplo conjunto de professores/investigadores em formação, dentro e fora da história da educação, é a articulação entre investigação e ensino, o que por outras palavras se poderia traduzir por “fazer e ensinar história da educação”.

2. Tendo-se desenvolvido no quadro mais estreito de um núcleo disciplinar de formação de professores, educadores e pedagogos, em geral, a história da educação tem vindo a desempenhar no quadro epistemológico das ciências da educação, reorganizado a partir da década de 60 do século XX, não apenas uma função de informação e normalização, em que releva uma perspectiva historicista iniciada ainda no decurso do século XIX, mas também uma função enciclopédica, ilustrativa, demonstrativa, problematizante e inquiridora da realidade educativa, perspectivando-se como paradigma, modo e método de pensar, dizer e escrever a educação. Esta aproximação à realidade educacional, na sua complexidade e na sua multidimensionalidade, associadas à renovação metodológica e conceptual, marca uma nova vaga da produção historiográfica, cujas centralidade e reflexividade tomam como ponto de partida as principais questões e temáticas da actualidade.

Desenvolvendo-se frequentemente com vista à participação em congressos e à conclusão de estudos, no quadro da formação académica e profissional, a produção historiográfica tem vindo a perspectivar-se a partir de linhas de investigação, referenciadas a centros interdisciplinares e a projectos de investigação. Uns e outros, porque influenciados pela inovação ou apostados em contribuir para a resolução de problemas actuais, abrindo-se muito embora a uma preocupação de meta-história, não têm favorecido nem a consolidação de campos do conhecimento e de redes e equipas de investigadores, nem a consolidação de estruturas conceptuais e metodológicas. Estas, uma vez encetadas, careceriam de (re)aplicações e de projecções.

Com efeito, tal fervilhar de iniciativas, de busca de inovação e de olhares diferenciados, correspondentes a estudos elaborados para fins académicos e à procura de inovação e de surpresa, no âmbito de congressos, cuja temática, apesar de definida, frequentemente não evolui para além de interpretações vagas e abrangentes, ainda que venha a corresponder a uma dinâmica meta-historiográfica e teorizante, não favorece a consolidação e o aprofundamento de domínios do conhecimento e de linhas de investigação. Produzida nestas circunstâncias, a historiografia só indirectamente contribui para um aprofundamento do debate metodológico e conceptual, quer no que se refere aos objectos científicos mais usuais, quer no que se refere, por razões acrescidas, à aplicação a novos objectos do conhecimento histórico.

A horizontalidade na matriz conceptual e a diversidade e fragmentação temáticas podem observar-se também na produção historiográfica, cada vez mais publicada na forma de artigo, capítulo de livro ou de uma colectânea de actas, e nos próprios livros de autor, frequentemente despidas de uma unidade investigativa e comunicacional, quedando-se por colectâneas de estudos, agregados e superficialmente integrados através de uma introdução, que simultaneamente funciona como sumário e justificação editorial.

Marcada por uma produção científica desenvolvida no quadro académico, vulgarmente sob a forma de dissertação e de relatório de investigação, ou surgindo da participação em congressos, cuja oportu-

nidade reside frequentemente na eventualidade e na precocidade temáticas, fragmentária, exploratória e de inovação, esta produção historiográfica não apenas não se apresenta protegida contra a fragilização e a indiciarização do conhecimento científico, como se revela pouco favorável à consolidação de redes e de linhas de investigação. Deste modo, fica-se perante um paradoxo tão difícil como preocupante.

Com efeito, se a vitalidade da historiografia da educação, notória desde há umas três décadas, se deve sobretudo a uma produção científica com sentido inovador, nos quadros temático, conceptual e metodológico, não deixa de ser essa mesma perspectiva e a ânsia de inovação que a arrasta para uma fragilidade e para uma progressiva individuação e fragmentação, com todas as implicações daí decorrentes de atomização dos objectos científicos, superficialidade e ausência de uma narrativa que articule o rigor científico com uma discursividade orientada para o leitor, e cuja validade e representação objectuais e cognitivas resultem de um processo elaborado de produção, informação e comunicação do conhecimento científico e só indirectamente cumprindo as funções de relatório processual e metodológico.

Não obstante esta fragilidade, a produção historiográfica das últimas décadas corresponde a uma tentativa de conciliação entre a renovação epistémica e a consolidação de uma área disciplinar e científica, quer no quadro das ciências da educação, quer enquanto ciência histórica. Tal conclusão pode retirar-se de alguns estudos assumidamente meta-historiográficos publicados designadamente por Marc Depaepe na revista *Paedagogica Historica* e dos balanços e inventários de investigação saídos de congressos temáticos e, enfim, das publicações específicas no que se refere à historiografia europeia (Cf. DEPAEPE, 2003; COMPÈRE, 1995; GUEREÑA, RUIZ BERRIO & TIANA, 1994; GABRIEL & VIÑO FRAGO, 1997). Em regra estes balanços críticos, à semelhança dos estudos publicados na década de 80 do século XX por Antoine Léon, partem dos estudos de autor e intentam uma sistematização e uma perspectiva de linhas gerais. Já a obra *Cultural history and education. Critical essays on knowledge and schooling* fora estruturada de forma diversa e constituiu ela própria o balanço comparado de uma corrente historiográfica (POPKWITZ, FRANKLIN & PEREYRA, 2001).

Vector fundamental na consolidação de um domínio científico, em articulação com a investigação/produção e com o ensino, este esforço de sistematização e de balanço crítico terá de continuar, com vista à inscrição dos trabalhos de autor, em quadros complexos que transversalizem a produção científica nos planos substantivo, metodológico e meta-historiográfico. Com efeito, os ensaios de balanço feitos no quadro de um ou outro congresso tendem a circunscrever-se a temáticas estreitas, não constituindo mais que repositórios autorais ou inventários acrílicos de estudos assimétricos na sua valia científica e secundarizando os próprios processo de investigação, produção e comunicação do conhecimento científico. Tais inventários e tais catálogos quedam-se frequentemente por somatórios de contributos individuais, não intentando uma perspectivização de potenciais linhas de transversalidade e de aprofundamento. Ainda que não possam ser ignoradas as visões parcelares e individuais, pois que frequentemente constituem indícios de inovação, é através da sua integração em constelações mais amplas, nos planos objectual, metodológico e discursivo que tais estudos, ainda que indiciários, se podem revestir de importância e significação.

3. Os congressos constituem, pelo elevado número de participantes e pelo envolvimento logístico, financeiro e institucional, importantes momentos de exposição e inventariação de ideias e de perspectivização de campos do saber, factores de afirmação institucional e grupal, como que certames/feira de ideias e de projectos. No entanto, a construção e a consolidação de uma identidade investigativa, a consolidação de um campo do saber, a aferição de perspectivas metodológicas e discursivas, desafiam a outro tipo de eventos científicos e porventura a uma conciliação de estratégias e meios, de que resultem sinergias quanto à rapidez e à eficácia de realização e circulação do conhecimento, enetando estratégias manifestamente mais económicas que a sobrecarga logística e técnica, gerada pela horizontalidade temática dos grandes congressos.

Beneficiando de novos modos de produção, circulação e comunicação do saber científico, com base nas modernas tecnologias de informação, a inventariação e a catalogação do conhecimento, como tam-

bém a consolidação de linhas metodológicas e quadros conceptuais, parecem facilitadas, se sistematizadas e (re)fundidas a partir de núcleos investigativos especializados, legitimados e reconhecidos pelas diversas comunidades de investigadores.

Uma segunda referência que se afigura fundamental na consolidação do conhecimento é que não obstante deverem as comissões científicas dos congressos intervir de forma mais activa e consequente na selecção, acompanhamento e orientação da produção das comunicações seleccionadas e apresentadas em cada congresso; a comunidade científica de base que fomenta um congresso deverá mobilizar-se, interna e externamente, com o objectivo de apresentar um contributo substantivo e significativo na temática-chave desse mesmo congresso. Tal implicação não poderá deixar de compreender uma actualização das perspectivas metodológicas, uma inventariação, uma sistematização da produção científica, e um prolongamento de intervenção até à publicação de artigos verdadeiramente representativos e significativos dessas mesmas linhas de acção. Finalmente, seria esperado que a respectiva comunidade de base aferisse e avaliasse das virtualidades e da oportunidade de prosseguir no terreno uma ou várias das linhas de investigação, associadas ao eixo temático de cada congresso, a fim de que este marcasse efectivamente um tempo e um olhar na produção científica.

Voltando ao II Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais, é possível afirmar que há uma unidade temática de base, centrada na história das instituições educativas em sentido amplo, estruturas, espaços, públicos, meios didácticos e pedagógicos, políticas e regulamentos, produtos, memórias, biografias. Ou seja, integrando a história das instituições educativas num quadro conceptual que serve e caracteriza basicamente a história da educação como história social e cultural, poder-se-á dizer que a temática das instituições educativas foi aqui analisada, perspectivada, compreendida, explicada e organizada na forma de discurso científico e sob a forma de arquivo, exposição e memória, na sua tripla acepção: materialidade, representação, apropriação.

No nível das conferências, como no nível das mesas-redondas, foram abordadas questões e perspectivadas linhas de investigação que sugerem como a temática está ainda longe de ser esgotada, pela sua amplitude desde a arquitectura, estrutura e organização espacial aos ideários pedagógicos e aos públicos, contextualizando-se e projectando-se nos territórios e nas comunidades educativas. Assim, as actas a publicar façam *jus* a tal complementaridade e a tal complexificação de perspectivas e abordagens; e assim os grupos de trabalho locais e as linhas de investigação e de ensino ao nível da graduação e da pós-graduação prossigam e consolidem estes desafios.

Há efectivamente vários projectos em curso sobre história das instituições educativas, desde a inventariação e preservação de fontes, envolvendo estratégias de construção de identidades institucionais, estudos de reconceptualização, estudos comparados, elaborados, uns e outros, quer sob a modalidade de provas académicas, quer sob a modalidade de projectos de investigação em rede.

Neste contexto, a realização do II Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais representa um importante investimento na construção de uma comunidade de investigadores ligados à história local, designadamente no que se refere à história das instituições educativas e à história das relações entre educação e sociedade. De igual modo, pode constituir um contributo para o aprofundamento teórico e metodológico, ao atrair os contributos de especialistas nas diversas dimensões deste campo do conhecimento histórico.

4. Servem estas considerações não só para contribuir para um balanço dos trabalhos, como para introduzir a temática da minha comunicação que é a da história das instituições educativas em perspectiva, temática cujo desenvolvimento deu origem ao curso que orientei nos dias posteriores ao congresso.

A história da educação é um discurso científico sobre o passado educacional, nas suas diversas dimensões e acepções, tendendo para uma história total, mas é também memória e paradigma. É memória educacional enquanto preservação, organização e comunicação de

materiais museológicos e arquivísticos, e enquanto repositório de recordações e representações verbais (orais e escritas), emocionais, afetivas, fisiológicas, organizadas, quer em quadros biográficos e grupais, quer tomando por base referentes institucionais e sócio-comunitários.

A história da educação é também paradigma quanto ao pensar, ao dizer, ao escrever, ao projectar e ao agir em educação, facultando uma informação coerente, evolutiva e explicativa, mas constituindo-se também como um dos principais argumentos e conteúdos da racionalidade e da acção educativa. Na vida das sociedades, das instituições e das pessoas, a história é parte integrante da tomada de decisões e das reflexões quanto ao presente e ao futuro, e é factor de identidade. Tomando o presente/passado na sua complexidade e na sua génese e analisando-o por uma lógica de múltiplas hipóteses de desenvolvimento futuro, por contraposição a esse mesmo futuro, o historiador procura conhecer e explicar toda a complexidade dos fenómenos educativos, construindo um sentido para a história.

Aferido através de uma meta-análise constitutiva dos próprios fenómenos e processos educativos, o sentido da história é por consequência a sua própria elaboração/produção. Em consequência, permitindo conhecer e representar as acções educativas na sua evolução e na sua multidimensionalidade, a abordagem historiográfica revela-se uma das vias epistémicas mais adequadas à natureza praxeológica, transformacional e crítica do conhecimento educacional.

A história das instituições educativas é um domínio do conhecimento em renovação e em construção a partir de novas fontes de informação, de uma especificidade teórico-metodológica e de um alargamento do quadro de análise da história da educação, conciliando e integrando os planos macro, meso e micro. É uma história, ou melhor, são histórias que se constroem numa convergência interdisciplinar.

Nesta comunicação apresentarei de forma muito sumária as quatro dimensões estruturantes do referido curso intensivo que leccionei: contexto, epistemologia complexa, objecto historiográfico e narrativa histórica.

5. O contexto de base respeita à modernidade enquanto tempo longo, referenciada ao quadro histórico do Mundo Ocidental desenvolvido. Por modernidade visa traduzir-se um conjunto amplo das transformações históricas, cuja linha evolutiva ficara marcada por uma grande afinidade entre as instituições (sua génese, evolução, ruptura), as ideologias (suas formas de mobilização e de acção), e os grupos, suas dinâmicas, mobilidade, participação, inclusão, (re)composição, nos planos social e cultural. Ou seja, em outro registo epistémico e de forma simplificada, pode dizer-se que a modernidade ficara historicamente marcada por um processo de articulação entre estruturas e sujeitos, através das instituições e dos grupos.

Ainda que corresponda a um grande movimento histórico para o progresso e para o desenvolvimento, marcados por homologias e sentidos evolutivos comuns entre o social, o material e o cultural, estruturados basicamente por referência ao Estado-nação, a modernidade não deixa de ser perpassada por tendências e orientações de sentido contrário e por alguns paradoxos, designadamente na difícil e impossível conciliação entre liberdade e institucionalização, nas suas variantes de formalização, regulação, normatização.

Movimento de longa duração, pois que há dimensões cuja génese remonta ao século XVII, a modernidade compreende basicamente três grandes eixos de desenvolvimento histórico: científico/tecnológico; político-social; ideológico-cultural. Beneficiando do método experimental a partir do século XVII, e reforçada ideológica, metodológica e substancialmente com o Iluminismo, a ciência integra desde então a evolução histórica, nos planos macro, meso e micro. Fortalecendo-se desde as dimensões teóricas e conceptuais aos quadros concretos e de aplicação e acção, nomeadamente pela mecanização, primeiro, e pela cibernética, mais recentemente, dos modos de produção e circulação da produção material, da informação e da comunicação, a ciência e a técnica desenvolveram-se profundamente ligadas e integradas, não deixando de privilegiar progressivamente as lógicas e os parâmetros de uma ciência tecnológica.

No plano político-social, a modernidade, iniciando-se com uma revolução na instituição do poder político – definitivamente atribuído

à nação que o delega no estado —, caracterizou-se por uma radical transformação das estruturas e da organização da sociedade, superando definitivamente a ordenação hierarquizada do Antigo Regime, através de classes sociais progressivamente indexadas ao capitalismo e aos modos de produção, circulação e terciarização industrializados e mecanizados.

Associadas ao urbanismo, estas mutações traduzem-se em novas dinâmicas e formas de hibridismo e de inclusão, afirmação e participação social. Ainda no plano cultural, a modernidade ficara marcada por uma prevalência progressiva da cultura escrita perante a cultura material, por uma afirmação do impresso, designadamente sob a forma de livro e mais recentemente por novas formas e meios de comunicação. Ainda nos planos científico, político e social, a modernidade ficara também profundamente marcada pela cultura escolar e pela escolarização. Instituído-se e universalizando-se, a escola e o processo de escolarização constituíram um dos movimentos mais fecundos de informação, normalização, integração e mobilização social e ideológica das últimas décadas.

De forma integrada, o contexto traduz-se, entre outras, pelas categorias de: progresso, desenvolvimento, cidadania.

6. No plano epistémico, várias correntes, escolas, tendências e paradigmas assinalam os últimos dois séculos de história, com incidência nomeadamente na relação entre conhecimento e verdade, seus fundamentos, objectos, métodos, discursos, podendo referenciar-se o positivismo e o neopositivismo, a psicanálise, a fenomenologia, e mais recentemente uma evolução no sentido de articulações e combinatórias teórico-metodológicas associadas, designadamente, a um “regresso” da linguística, da pragmática e da hermenêutica.

Neste contexto, a segunda grande orientação do curso é perspetivar uma linha de renovação a partir de uma epistemologia complexa que permita compreender e explicar a realidade institucional na sua internalidade e na sua relação com a história da educação. É uma abordagem científica interdisciplinar que assenta na dialéctica triangulada entre educação, instituição, história, e que visa representar e analisar a instituição educativa nas suas unidade, multidimensionalidade e multifactorialidade.

A construção do objecto epistémico resulta de um processo investigativo, centrado numa epistemologia complexa, multidimensional, interdisciplinar, elaborada por aplicação das categorias substantivas/objectuais de: materialidade, representação, apropriação; por aplicação das categorias metodológicas/instrumentais de: o instituído, a institucionalização, a instituição. A partir desta abordagem, a instituição educativa é apresentada como uma totalidade em génese, organização e evolução. Este objecto do conhecimento, abordado enquanto totalidade, constitui uma perspectiva actualizada da história da educação, uma vez que toda a história da educação tende para uma história total.

A história é por inerência uma narrativa escrita, pelo que, quando referenciada a uma instituição educativa, se compõe basicamente de um historial, de um quadro, de uma acção que corresponde a uma intriga/trama e de um epílogo. O quadro compreende o contexto histórico, geográfico e a materialidade que, para além do modo de produção e do funcionamento, inclui toda a realidade processual e material, enquanto a acção corresponde à objectivação relacional, seja nos planos didáctico e pedagógico, seja nos planos social e grupal, traduzindo-se na representação, que, entre outros aspectos, também visa à inscrição/avaliação dos papéis e dos graus de empenhamento dos agentes. A apropriação corresponde à intriga e à relação mais profunda dos sujeitos com os seus pares, com os agentes, consigo mesmos e com a instituição. Enquanto categoria educacional, a apropriação inclui as dimensões institucionais e as aprendizagens, mas também as vivências, as interiorizações, as representações deferidas, enfim os processos de subjectivação que fizeram e marcaram a identidade e a história de vida dos sujeitos. O epílogo, entre outros aspectos, avalia da representatividade da investigação, bem como do seu sentido de inovação, para além de, naturalmente, sistematizar e revelar de forma comprovada a identidade histórica da instituição educativa em análise¹.

1. Esta estrutura metodológica é analisada com detalhe no meu livro *Tecendo nexos: história das instituições educativas*, São Paulo, Editora São Francisco (no prelo).

7. A história de uma instituição educativa não constitui uma abordagem descritiva ou justificativa da aplicação de uma determinada política educativa, como também se não confina à relação das instituições com o seu meio envolvente. A construção deste objecto do conhecimento – a instituição educativa como totalidade em organização e desenvolvimento, na sua internalidade e na sua relação ao exterior – opera-se através de um marco teórico interdisciplinar e de uma hermenêutica cruzada entre memórias, arquivos e museus, no âmbito de uma projecção e de uma regressão investigativas – um percurso metodológico indutivo/dedutivo.

Como ciência social e humana, a história da educação constrói por esta via um objecto do conhecimento, amplo, complexo, interdisciplinar, aprofundando um quadro investigativo de reflexão e de acção, focalizado na projecção e na reversibilidade entre teorias e práticas, no que se refere aos diversos planos de materialidade, representação e apropriação.

A revisão do conceito de “história institucional” envolve um alargamento e uma complexificação da monografia historiográfica, designadamente através da centralização do processo historiográfico na relação das instituições educativas com o meio sociocultural envolvente, associando de forma integrativa e dialéctica a descrição/caracterização dos públicos ao questionamento e à (re)construção das representações simbólicas das práticas e dos ideários educativos que marcam e constituem a sua identidade histórica. É um processo que não se confina à investigação propriamente dita, mas que envolve uma intervenção fundamental na preservação, na inventariação e na informação sobre os espólios, as memórias e os fundos arquivísticos e documentais. É uma revisão teórico-conceptual e metodológica mas que envolve um regresso criterioso aos arquivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEPAEPE, Marc (2003). “What kind of history of education may we expect for the twenty-first century? Some comments on four recent readers in the field.

Essay review in memory of Maurits De Vroede (1922-2002) and Brian Simon (1915-2002)”. *Paedagogica Historica*, vol. 39, n. 1/2, pp. 187-199.

COMPÈRE, Marie-Madeleine (ed.) (1995). *L'histoire de l'éducation en Europe. Essai comparatif sur la façon dont elle s'écrit*. Paris, INRP; Bern, Peter Lang S.A.

GUERENA, Jean-Louis; RUIZ BERRIO, Julio & TIANA, Alejandro (1994). *Historia de la educación en la España contemporánea. Diez años de investigación*. Madrid, Ministerio de Educacion y Ciencia/C.I.D.E.

GABRIEL, Narciso de & VIÑAO FRAGO, Antonio (eds.) (1997). *La investigación histórico-educativa. Tendencias actuales*. Barcelona, Ronsel Editorial.

POPKIEWITZ, Thomas S., FRANKLIN, Barry M. & PEREYRA, Miguel (eds.) (2001). *Cultural history and education. Critical essays on knowledge and schooling*. New York/London, Routledge Falmer.